

REVISTA
**DIREITO SEM
FRONTEIRAS**

I. DOUTRINA NACIONAL

4

**A GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA E O RESENTIMENTO
PARAGUAIO: IMPASSE NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL?**

**THE TRIPLE ALLIANCE WAR AND THE PARAGUAYAN RESENTMENT:
IS IT AN IMPASSE IN THE REGIONAL INTEGRATION PROCESS?**

Jayme Benvenuto¹

¹ Professor Doutor da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA). Professor Visitante na Universidade Federal de Pernambuco. Integra o corpo docente permanente do Mestrado em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista de produtividade em pesquisa 2 do CNPq. Autor radicado no Brasil. E-mail: jayme.benvenuto@unila.edu.br.

Como citar este artigo:

BENVENUTO, Jayme. **A guerra da tríplice aliança e o ressentimento paraguaio: impasse no processo de integração regional?** – Revista Direito Sem Fronteiras - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu. Jul/Dez. 2017; v. 1 (2): 71-80.

RESUMO

A Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai ou Guerra contra o Paraguai, ocorrida entre 1864 e 1870, continua viva no imaginário dos habitantes paraguaios da fronteira trinacional onde se situam Foz do Iguaçu, Puerto Iguazu e Ciudad del Este. Em minha pesquisa, não é relevante buscar explicações extensivas sobre os motivos da guerra. Esta pode ser entendida, em síntese, como uma disputa territorial, incluindo as condições de uso fluviais. Também não é relevante, para os mesmos fins, analisar quem teria começado a guerra, fazer juízo de valor sobre o grau de desenvolvimento do Paraguai até a irrupção da guerra ou sobre os motivos que fizeram com que o Brasil, a Argentina e o Uruguai tenham momentaneamente se aliado contra o Paraguai. Tampouco os erros da guerra, incluindo os chamados atos vergonhosos praticados por todas as partes, como sói acontecer em conflitos bélicos. Essas são tarefas para historiadores os quais, sob diversos ângulos e em distintas partes do mundo, têm encontrado respostas contraditórias, considerando as fontes consultadas e suas perspectivas teóricas, diante das quais nos cabe tão somente adotar nossa própria compreensão. Interessa neste capítulo, tendo em vista o escopo teórico adotado, ressaltar os seguintes aspectos: 1) o conflito como um sinal da consolidação e do fortalecimento do nacionalismo e dos Estados nacionais da região, aí incluídos Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai; 2) a repetição da receita bélica aprendida com a Europa do passado, enquanto sinal da colonialidade; 3) a desproporção do conflito que reuniu dois grandes Estados e o Uruguai desenvolvendo papel menor, embora todos em processo de consolidação, contra um pequeno país, embora liderado por um governante igualmente belicista, com resultados catastróficos para o Paraguai; 4) a presença da memória das disputas sobre fronteiras no atual contexto do debate em torno da proposta de integração regional.

Palavras-chave: Integração regional. Fronteiras. Paraguai.

ABSTRACT

The War of the Triple Alliance or the Paraguayan War or War against Paraguay, occurred between 1864 and 1870, is still alive in the imagination of the Paraguayan inhabitants from the tri-national frontier, where places Foz do Iguaçu, Puerto Iguazu and Ciudad del Este. On my research, it is not relevant to seek extensive explanations on the war motives. This can be understood, in summary, as a territorial dispute, including the conditions of river use. It is also not relevant, for the same purposes, to analyze who would have started the war, make value judgments about the degree of development of Paraguay until the irruption of the war or about the motives that led Brazil, Argentina and Uruguay to momentarily ally against Paraguay. Neither the war errors, including the so-called shameful acts practiced by all parties, as it often happens in military conflicts. These are assignments to historians which, from various angles and in different parts of the world, have found contradictory answers, considering the consulted sources and its theoretical perspectives, before which we can only adopt our own comprehension. What matters on this chapter, considering

the theoretical scope adopted, is to highlight the following aspects: 1) the conflict as a signal of consolidation and strengthening of nationalism and national States of the region, here included Argentina, Brazil, Uruguay and Paraguay; 2) the repetition of the military recipe learned with the Europe of the past, while a signal of coloniality; 3) the disproportion of the conflict that reunited two major States and Uruguay developing a small part, although all in a process of consolidation, against a small country, though led by an equally warmongering ruler, with catastrophic results for Paraguay. 4) the presence of the memory of border disputes in the current context of the debate surrounding the regional integration proposal.

Keywords: Regional Integration. Frontiers. Paraguay.

INTRODUÇÃO

Aos olhos de brasileiros, argentinos e uruguaios médios – entendidos como aqueles que tiveram um certo nível de educação formal e têm algum grau de participação na vida política dos seus países – passados cerca de 150 anos da Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra contra o Paraguai (a depender da aproximação política com o tema), o conflito que opôs seus países ao Paraguai, entre 1864 e 1870, definitivamente é coisa do passado. A guerra será lembrada em como parte das páginas envelhecidas dos livros de história em que nomes de antepassados longínquos, como o do imperador brasileiro D. Pedro II e os dos presidentes argentino e uruguaio Bartolomé Mitre e Venancio Flores, tornam aquelas páginas ainda mais distantes no tempo.

Para os paraguaios, entretanto, o conflito que dizimou uma quantidade significativa de seus nacionais ainda rende acalorados debates nas instituições de ensino, nas redes sociais e mesmo em conversas corriqueiras, sempre que o diálogo reporta a brasileiros, argentinos e uruguaios. Basta caminhar pelas ruas do centro de Assunção para encontrar facilmente diversos livros sobre a grande guerra sendo vendidos em bancas de revista. Ao tempo em que empreendi entrevistas com moradores de Ciudad del Este para a pesquisa sobre a Percepção da Integração Regional na Fronteira do Brasil, Argentina e Paraguai: Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú, Ciudad del Este, nos anos de 2014 e 2015, não foi possível seguir adiante na formulação das perguntas sobre a integração regional sem que o pesquisador fosse contraindugado pelos paraguaios a respeito das questões que lhes afligem por causa da memória da guerra.

1. MEMÓRIA DA GUERRA EM CONTEXTO DE INTEGRAÇÃO

A menção à guerra em que estiveram unidos o Brasil, a Argentina e o Uruguai contra o Paraguai, de 1864 a 1870, na qual “o Paraguai perdeu mais de 90% de sua população masculina acima de 7 anos”² (LILLIS; FANNING, 2009, p. 19) pôs em relevo na pesquisa mencionada a necessidade de discutir o que brasileiros, argentinos e uruguaios já esqueceram e parecem não querer discutir.

“(…) si podemos decir que si hay resistencias por los hechos históricos que

2 Lillis, Michael; Fanning, Ronan. Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai. 1ª edição, São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009, p. 19.

esos países protagonizaron contra Paraguay en aquella Guerra Grande de la Triple Alianza.” (Angel Ibarra, Ciudad del Este, entrevista realizada em 17.07.2014)

“(…) no podemos de olvidar los acontecimientos históricos y debo mencionar en ese aspecto que Paraguay es un país que persiste, que fue preservado por dios, porque lastimosamente en un tiempo muy lejano ya, pero si bien tuvo sus repercusiones, en todos los sentidos la Guerra de la Triple Alianza fue devastador y nefasto para Paraguay. Nosotros no tenemos rencor de ninguna manera contra el Brasil, contra la Argentina o contra Uruguay pero si reclamamos allá en el fondo una mayor atención y reclamamos que el hermano que ayer talvez que se creyó el más grande por haber lesionado al más pequeño, o sea que el hermano mayor haga una mea culpa y que ayude al más pequeño a salir adelante.” (Juan Leonardo Rodas, Ciudad del Este, entrevista realizada em 24.07.2014)

A propósito desse sentimento de redução em razão dos outros, o questionamento sobre as sanções aplicadas ao Paraguai, quando da suspensão do Mercosul, em 2012, devido ao suposto descumprimento da cláusula democrática, ressuscitou a crença de que o Brasil, a Argentina e o Uruguai estariam a repetir a história contra o Paraguai. Desde então, o ressentimento paraguaio tem estado mais presente nas conversas corriqueiras com eles, incluindo durante a pesquisa.

“¿Por qué Paraguay fue, por ejemplo, prácticamente destituido, (...) suspendido como miembro pleno del Mercosur cuando aquí Paraguay tiene su Constitución Nacional, tiene sus procedimientos en todos los aspectos, jurídicos, políticos, gubernamental, y aquí se aplicó lo que la carta magna estaba contemplado (...) el Mercosur aplicó sanciones gravísimas para el Paraguay sin dar la oportunidad a la defensa (...) Bueno, entonces cuando se deciden las cosas, lo deciden los grandes, ¿quiénes son los grandes? Y ahora se asumió Venezuela que es de la misma ideología política. Brasil, Argentina, Venezuela, ahí ya están todos, o sea que vos tenéis que aplaudir y eso está mal.” (Juán Leonardo Rodas, Ciudad del Este, entrevista realizada em 24.07.2014)

É possível que por causa dos processos de constituição das nacionalidades, incluindo as guerras, tenham se criado e exacerbado certos preconceitos de parte a parte. Ainda em 1865, ocasião em que D. Pedro II encontrou seus congêneres argentino, Bartolomé Mitre, e uruguaio, Venancio Flores, pelas bandas de Uruguaiana, o imperador brasileiro escreveu a sua esposa: “O primeiro é o mais ilustrado, o segundo é um caboclo velho e muito feio, mas esperto”. O Conde D’Eu, que depois seria responsável pela derrota final de López, completara, em carta ao seu pai: “Não poderiam existir dois tipos mais diferentes, Mitre sendo um homem letrado e Flores mais ou menos um bandoleiro”. Após o ataque de Uruguaiana aos paraguaios, que teriam sido “privados de comida, munição e dos números necessários a um contra-ataque”, cujas tropas tiveram que marchar passando pelos três governantes, D. Pedro II, ladeado por Mitre e Flores, teria dito: “O inimigo era mesmo indigno de ser batido. Que gente!” (BARMAN, 2012, p. 296).

Cerca de 150 anos após a Guerra da Tríplice Aliança, vejamos o que diz um entrevistado paraguaio sobre as expressões discriminatórias utilizadas por brasileiros em território paraguaio:

“Hay pobladores colonos de Brasil que despectivamente le llaman “Chi ru”

al paraguayo, no de un modo amigable sino ya con una connotación despectiva hacia el paraguayo en sí. Y son conceptos que cierto sector maneja, no podemos generalizar pero podemos hablar de que el sector agropecuario, los colonos que se dedican a la plantación de soja y todo ese sector si tiene un concepto de menospreciarle al paraguayo.” (Angel Ibarra, Ciudad del Este, entrevista realizada em 17.07.2014)

Vejamos, em contraposição, o que diz um entrevistado argentino a respeito do incômodo com expressões preconceituosas usadas por alguns paraguaios em relação aos argentinos por causa da guerra:

“Ellos (los paraguayos) nos dicen creo que “curepa” o algo así, no sé si los brasileiros también tienen apodo. Si, “curepa” que es un apodo que nos pusieron los paraguayos en la época de la Guerra de la Triple Alianza que tiene que ver con una vestimenta que usaban los argentinos. (...) “Curepa” significa chanco, cuero de chanco, algo así y tiene que ver con los uniformes que se usaban los soldados de esa época y que hoy para ellos nosotros somos “curepi” y tienen (...) ese rencor muy adentro todavía de una guerra que nosotros no tenemos nada que ver, son cosas que pasaron y quedaron en la historia, que hoy son parte de la historia” (Lucio Rojas, Puerto Iguazu, entrevista realizada em 05.10.2014).

José Lindomar Albuquerque destaca o significado de “chi ru” e “rapái” no contexto das rivalidades entre brasileiros e paraguaios:

los significados de los términos “chi ru” y “rapái”, son usados como expresiones negativas para clasificar los paraguayos y brasileiros en el contexto de frontera cultural y simbólica. (...) Así “che ru” en guaraní significa “mi amigo”, “mi companero”, los brasileños cambian para “chi ru” y pasa a ser un término de menosprecio a los paraguayos (...). De la misma forma, la palabra portuguesa “rapaz”, que significa muchacho, los paraguayos transforman en “rapái” para calificar a los brasileiros de una maneira negativa.³

Cabe aqui considerar a noção, desenvolvida por Benedict Anderson, em referência ao nacionalismo, do “apego que os povos têm às suas imaginações e como são capazes de morrer por suas invenções” (SCHWARTZ, In: ANDERSON, 2008, p. 14). Ao se referir aos denominados “fratricídios tranquilizadores”, Anderson constrói a ideia de que há uma espécie de lembrança/esquecimento no processo de surgimento dos Estados nacionais. As “amnésias típicas” (ANDERSON, 2008, p. 278) seriam estágios contíguos às lembranças do passado, fundamentais para que os Estados nacionais se constituam e se afirmem.

2. RESENTIMENTO, REMEMORAÇÃO E ESQUECIMENTO

O aspecto positivo do ressentimento paraguaio é o conhecimento da sua história. O aspecto negativo é a possibilidade de um excessivo apego ao passado, transformado em ferida aberta. A metáfora relaciona um estado de sofrimento com o qual é preciso saber o que fazer, para que não adquira caráter imobilizador, como sói acontecer com as enfermidades, por conta do sofrimento. “Toda memória, seja ela ‘individual’, ‘coletiva’ ou ‘histórica’, é uma memória para qualquer coisa, e não

³ Albuquerque, José Lindomar. Campesinos paraguayos y “brasiguayos” en la frontera este de Paraguay. In: Fogel, Ramón; Riquelme, Marcial (Compiladores). Enclave sojero: merma de soberanía y pobreza, 2005, p. 171.

se pode ignorar esta finalidade política (no sentido amplo do termo)” (GERAY apud SEIXAS, 2004, p. 56).

Na América Latina, o tema do ressentimento torna-se relevante politicamente a partir do momento em que ele se mostra insistentemente presente e, assim, “remete a um tempo repetitivo, gerador de fantasmas e pensamentos hostis, vividos na impotência” (ANSART-DOURLEN, 2004, p. 351). Só tem sentido revisitar o passado para contribuir para a construção de um projeto de futuro que nos pareça melhor, possibilitado pelo aprendizado do passado e nunca procurando repeti-lo.

A questão mais relevante que se coloca, no contexto da integração regional, é se esta tem condições de prosperar em meio a mal-estares nacionais, como o paraguaio. A questão se torna ainda mais significativa se pensamos que existiram outros conflitos na região latino-americana que relevam outros mal-estares nacionais. Campos-Delgado e Hernández (2015) citam, com base nos estudos do Heidelberg Institute for International Conflict Research (2014), nove conflitos relativos a disputas relacionadas à delimitação fronteiriça na América Latina:

Nicarágua y Colombia (delimitación marítima iniciado en 1825), Argentina y Reino Unido (Islas Malvinas/Falkland Islands, iniciado en 1833); Nicarágua y Costa Rica (Río San Juan, iniciado en 1858), Venezuela y Colombia (Archipiélago de los Monges, iniciado en 1871); Bolivia y Chile (acceso al mar, iniciado en 1883); Perú y Chile (delimitación marítima, iniciado en 1883); Guatemala y Belice (demarcación terrestre, iniciado en 1981); Estados Unidos y Cuba (Guantánamo, iniciado en 1959); Honduras y El Salvador (Isla Conejo, iniciado en 2013) (HERNÁNDEZ; CAMPOS-DELGADO, 2015, p. 13).

Na perspectiva dos autores citados, o sentimento de “perda territorial” deu margem a tensões como as verificadas com “Chile y Argentina a partir del nombrado Conflicto del Beagle el cual se resolvió con la firma del Tratado de Paz y Amistad en 1984 (Mendoza Pinto, 2004), o la llamada ‘guerra del Fútbol’ entre El Salvador y Honduras (Carias, 1970)” (HERNÁNDEZ; CAMPOS-DELGADO, 2015, p. 13).

A ferida paraguaia relacionada à Guerra da Tríplice Aliança integra, a meu ver, o que alguns autores pós-coloniais chamam de “ferida colonial”. A colonialidade da qual falam tais autores parece ainda estar muito presente na alma de parte das populações do mundo que foram, são ou se sentem sujeitadas pelos impérios do passado e do presente.

Entretanto, a ideia de “ferida colonial” conforme definida por Walter Mignolo, como aquele “sentimento de inferioridade imposto sobre os seres humanos que não se ajustam ao modelo pré-determinado nas narrativas euro-americanas”⁴, parece-me restrita e interessada em se contentar com a vitimização do colonizado ou ex-colonizado. Nesses termos restritivos, alcançaria apenas as pessoas que se identificassem com o projeto colonizador, como se as demais não tivessem sido tocadas pela colonização. O exemplo típico de uma pessoa tocada pela “ferida colonial”, nos termos descritos tradicionalmente pela teoria pós-colonial, é o daquela pessoa que quer ser como o europeu e, mais recentemente, como o norte-americano, sem poder

4 MIGNOLO, Walter. *The Idea of Latin America*. Oxford/Victoria: Blackwell Publishing, 2005, pos. 76 e 261. Seja “física e/ou psicológica, é a consequência do racismo, do discurso hegemônico que questiona a humanidade de todos aqueles que não pertencem ao locus da enunciação (e da geopolítica do conhecimento) daqueles que têm o poder de estabelecer padrões de classificação e atribuem a eles próprios o direito de classificação”.

sê-lo⁵. Há um certo ar de ridículo na descrição dessa pessoa, sobretudo se temos diante de nós um negro, um indígena ou um sertanejo com pinta e discurso de colonizador.

Entendo que o projeto colonial deixou marcas profundas em todos os que a ele foram submetidos. Está presente também nos insurgentes de todas as partes do mundo colonizado ou ex-colonizado, a exemplo daqueles que no Oriente Médio dão demonstrações diárias da dor e da ira que sentem pela violência e pelo racismo impingidos contra eles ao longo do tempo. Ao decapitarem pessoas com os instrumentos midiáticos aprendidos do Ocidente, o Estado Islâmico desperta ao mesmo tempo medo e pena. O medo é de que o mundo fique cada vez mais marcado por essas expressões de violência, muito mais que pelo diálogo e pela cooperação. A pena vem da compreensão de que a revolta de seus integrantes foi gestada lentamente ao longo de sucessivas gerações sujeitadas pelos impérios.

O Paraguai não esquece os fatos dos quais foi vítima, aferrando-se às lembranças do passado e requer, em razão delas, algum tipo de reparação. É um pedido de atenção. Embora seja adequado rever a história para recontá-la de outros pontos de vista, é preciso considerar pelo menos as seguintes questões: a) a descrição histórica é sempre uma perspectiva; portanto haverá tantas possibilidades de redescritção e interpretação quanto as cabeças propriamente pensantes que se disponham a promover a revisão; b) por mais que as marcas do passado se estendam sobre o presente, quem as praticou nos moldes relatados pelas vozes ressentidas (a não ser em contextos ainda atuais, como os dos genocídios praticados em Ruanda, antiga Iugoslávia, Timor Leste e Sudão), os atos horrendos foram praticados por pessoas que já não mais estão entre nós e quem aqui está, salvo situações particulares de continuidades perseveradas, não tem responsabilidade sobre o passado; c) o ressentimento delirante pode levar a um estado de incapacidade de construção do presente e do futuro, devido às dores do passado.

Jeanne Marie Gagnebin chama atenção para o fato de que o discurso da memória correria o risco de recair na ineficácia dos bons sentimentos ou, pior ainda, numa espécie de celebração vazia, rapidamente confiscada pela história oficial.

Diferentemente dessa perspectiva da comemoração, Gagnebin propõe:

Uma distinção entre a atividade de comemoração, que desliza perigosamente para o religioso ou, então, para as celebrações de Estado, com paradas e bandeiras, e um outro conceito, o de rememoração (...). Tal rememoração implica uma certa ascese da atividade historiadora, que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalçado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras. A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, particularmente a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente.

As dores do passado paraguaias precisam ser observadas em vinculação com as condições da política interna do país, ao longo de sua história e nos dias atuais. Essas condições mostram que o atraso do Paraguai (o mesmo pode-se considerar em relação à América Latina) não se explica apenas pelos atos horrendos do passado, cometidos

5 Na literatura vigorosa de Frantz Fanon, embora sem a denominação de ferida colonial, que lhe é posterior, o autor menciona o exemplo da personagem principal do livro *Je suis Martiniquaise*, Mayotte Capécia, a jovem negra que demonstra o desejo de se embranquecer. FANON, Frantz. *Pele Negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 56-57.

pelo outro. Rodriguez expõe um dos lados mais perversos da política interna, a frágil e desigual tributação, responsável em grande parte pela parca estrutura produtiva, viária e social do país. “La ciudadanía mayoritaria del Paraguay accede poco a los bienes públicos. Al desarrollo jurídico, político, económico, social y cultural.” (RODRÍGUEZ, 2014, p 33) Sem a necessária tributação, à diferença do que acontece em outros países do subcontinente, gera-se “un enorme deficit en vías de transporte, provisión de energía; y, por otro lado, hay otro enorme deficit la inversión en la gente: educación, salud; urbanización, vivienda, seguros sociales” (RODRÍGUEZ, 2014, p 33). Em 2012, a carga tributária no Paraguai era de 12,7% do Produto Interno Bruto. No mesmo ano, a América Latina contava com 18,3%, o Mercosul com 23,6%, a África com 20,1%, os Estados Unidos com 28,2% e a União Europeia com 39,3% de tributação (RODRÍGUEZ, 2014, p 34). E mais, no Paraguai, o predomínio do imposto indireto é desproporcionalmente alto, na ordem de 74% (RODRÍGUEZ, 2014, p 33). “El sector agroexportador, el más dinámico, genera hoy cerca del 20% del PIB. Paga un 0,5% del PIB en impuestos, eso es cercano a un 5% de los tributos; cuando, en promedio, el contribuyente paga el 12% del PIB per cápita en impuestos.” (RODRÍGUEZ, 2014, p 33)

Dependemos mais que tudo de nós mesmos e nesse sentido precisamos de força criadora para transformar nossa própria realidade.

Escuchar la voz de las víctimas, desenterrar las fosas comunes, reconstruir aquella historia dolorosa que los perpetradores de un lado y del otro pretenden acallar por la fuerza o maquillando los hechos del pasado. La recuperación de la memoria del sufrimiento es un proyecto que involucra la participación del ciudadano y que pone a prueba la fortaleza de sus vínculos de lealtad para con la comunidad que habita. (GEHRI, 2009, p. 340-341)

Anterior à integração é a reconciliação. Coisa que os realistas de plantão, comemoradores tenazes das guerras que são, desestimarão. O que falar de neoliberais, stalinistas e mercenários da fê alheia? Os conflitos seguirão existindo, que ninguém se engane. Nem a alegada fraternidade acabará com o conflito.

Nesse sentido, seria mais apropriado os paraguaios exigirem dos seus vizinhos a devida consideração nas decisões sobre as questões do presente e do futuro, a fim de que a história não se repita. Gagnebin está a nos dizer, de fato, que o passado foi feito por quem não está mais aqui. A propósito, a superação de figuras como D. Pedro II, Bartolomé Mitre, Venancio Flores e Solano Lopez é que permite que haja a possibilidade de reparação, pois com eles o que restaria era estado de beligerância.

Diante do paradoxo do ressentimento, Gagnebin propõe a:

Ampliação do conceito de testemunha de modo a abarcar não apenas aquela pessoa que viu diretamente com os próprios olhos, mas também aquela que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras revezem a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.

Em outras palavras, teremos que seguir ouvindo as histórias do genocídio cometido por brasileiros, argentinos e uruguaios contra o povo paraguaio, ocorrido há cerca de 150 anos, como condição para seguirmos acreditando no potencial integrador da região. Além do Paraguai, os demais nacionais dos países da América Latina,

também temos os nossos ressentimentos contra espanhóis, portugueses, ingleses, franceses e norte-americanos. Mas somos nós que temos que ter a capacidade de construir uma nova história a partir de nós mesmos. Se não fizemos até hoje, a integração sonhada não foi apenas pelos estratagemas dos grandes adversários no cenário mundial, mas igualmente pelos estratagemas ou insuficiências dos nossos próprios nacionais do passado e do presente. A aceitação da versão de que nossas elites governantes sempre se ajoelharam aos pés dos poderosos implica em considerar que elas poderiam haver escrito uma história diferente, não tivessem sucumbido às pressões de quem os procurou dominar.

A rememoração proposta por Gagnebin deve possibilitar que exijamos relações humanas em bases igualitárias envolvendo os países da região, diferentemente do que aconteceu no passado e se repete no presente. Se queremos, hoje, realizar a integração entre nossos povos, porque este nos parece ser o melhor caminho a seguir, não resta outra alternativa: choremos juntos com os paraguaios. Façamos de sua dor a nossa dor, porque a sua dor, embora sentida de forma diferente, é também nossa. Cento e cinquenta anos depois, não está em questão quem começou ou os motivos da guerra, mas a desproporção das ações bélicas, com os efeitos conhecidos sobre o Paraguai.

Por essa dor, impulsionemos pedidos de reconhecimento da desproporção pelas autoridades nacionais do Brasil, Argentina e Uruguai, como sugere Michael Lillis (2009); divulguemos na mídia e nas escolas dos países da região as revisões históricas que dimensionam os graves erros dos nossos antepassados, praticadas onde quer que tenham sido; escrevamos artigos científicos; criemos obras de arte; mas, sobretudo, amplifiquemos nossa voz para que o Paraguai seja tratado, doravante, com a igualdade que esperamos ser tratados nos foros internacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui apresentadas compõem o relatório da pesquisa sobre a Percepção da Integração Regional na Fronteira do Brasil, Argentina e Paraguai: Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú, Ciudad del Este. Buscam, indo além do escopo estrito da pesquisa, contribuir para que, pela reflexão a respeito do passado e do presente, possamos construir melhores bases para a integração latino-americana. Pura e simplesmente não é possível seguir adiante com pretensões integracionistas sem abrir espaço a essa revisão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar. Campesinos paraguayos y “brasiguayos” en la frontera este de Paraguay. In: FOGEL, Ramón; RIQUELME, Marcial (Comps.). **Enclave sojero**: merma de soberanía y pobreza, 2005.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANSART-DOURLEN, Michèle. O ressentimento – As modalidades de seu deslocamento nas práticas revolucionárias. Reflexões sobre o uso da violência. In:

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BARMAN, Roderick J. **Imperador cidadão**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

BENVENUTO, Jayme. **Relatório de Pesquisa**: Percepção da Integração Regional na Fronteira do Brasil, Argentina e Paraguai: Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú, Ciudad del Este. Foz do Iguaçu: edição do autor, 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

GRIMSON, Alejandro. **Del otro lado del río**: periodistas, nación y Mercosur en la frontera. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 2002.

HERNÁNDEZ, Alberto Hernández; CAMPOS-DELGADO, Amalia E. Introducción. In: **Líneas, límites y colidancias**: miradas a las fronteras desde América Latina. HERNÁNDEZ, Alberto Hernández; CAMPOS-DELGADO, Amalia E. México: CIESAS, 2015.

LILIS, Michael; FANNING, Ronan. **Calúnia**: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai. Tradução do inglês: Marisa Paro; tradução do espanhol: Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

RODRÍGUEZ, José Carlos. Pobreza fiscal, atraso y desigualdad. Ecuación de infortunio paraguayo. In: **Pensar la integracion: miradas al desarrollo y la democracia**. Assunção: Instituto Social del Mercosur, 2014.

SCHWARTZ, Lilia Moritz, Imaginar é difícil (porém necessário), In: ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memórias em Terras de História: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. 2a. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

Artigo convidado, recebido em: 09/10/2017